



Universidade de Brasília – UnB
Universidade Aberta do Brasil – UAB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a Distância
Disciplina: Projeto 5 - Fase 2
Orientadora: Dra. Raquel de Almeida Moraes
Aluna: Alecsandra de Oliveira Brasil

Alfabetização e Letramento Digital: Políticas públicas e abordagens inovadoras

Alecsandra de Oliveira Brasil

Brasília, junho de 2018

Alfabetização e Letramento Digital: políticas públicas e abordagens inovadoras

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Aberta do Brasil-UAB/Universidade de Brasília-UnB, com a orientação da Profª Dra. Raquel de Almeida Moraes.

Membros da Banca Examinadora:

Dra. Raquel de Almeida Moraes (Presidente)

Ms. Neuza Maria Deconto (FE-UnB/UAB – Membro interno)

Ms. Leyvijane Albuquerque (FE-UnB/UAB – Membro interno)

Dr. Paulo Sérgio Bareicha (FE-UnB/UAB - Suplente)

“Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade opinar livremente e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.”

Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos

DEDICATÓRIA

Aos meus colegas de curso, tutores e professores que, mesmo em face de grandes dificuldades, não deixaram de acreditar que conseguiriam.

À minha mãe que sempre me incentivou a ler, à minha filha por quem estou aqui, a meu marido que não me deixou desistir e à toda minha família.

AGRADECIMENTOS

Aos que insistem no planejamento, no desenvolvimento e na implementação das políticas públicas voltadas à formação continuada de professores, ao incentivo da carreira de docente, ao incremento das metodologias de ensino e que, mesmo em face as barreiras corporativistas e capitalista, insistem, e tentam, e persistem.

Aos que não esqueceram os pedagogos em potencial que estão escondidinhos nos mais recônditos e longínquos vilarejos deste país, distantes dos campi universitários de excelência e que, por meio da Universidade Aberta do Brasil, puderam se especializar, oficializar seus dons e sacramentar suas carreiras e a profissão que os escolheu.

Aos colegas que, mesmo em face das inúmeras dificuldades como a distância dos pólos, as barreiras da tecnologia, a integração virtual, a conciliação com as tarefas domésticas e profissionais, dentre outras, não desistiriam por acreditar neste sonho de amor pela educação.

A todos aqueles que lutam diariamente por manter viva a chama da educação porque acreditam que é por intermédio dela que sobreviveremos e, mais que isso, ultrapassaremos as barreiras da barbárie e superaremos a segmentação, o egoísmo e poderemos chegar, finalmente a um nível elevado de humanidade com compaixão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pólo Universitário Alto Paraíso/GO	15
Figura 2 – Laboratório de Informática do Pólo	15
Figura 3 – Trabalho em campo com colega Luana	16
Figura 4 – Trabalho em sala de aula	17
Figura 5 – Com alunos durante o estágio	18
Figura 6 – Escola Classe 206 Sul em Brasília	19
Figura 7 – Sala de aula	19
Figura 8 – Alunos assistindo filme em sala de aula	19
Figura 9 – Registro Escolar.....	20
Figura 10 – Metas do PNE (MEC, 2018).....	27
Figura 11 – Metodologias Ativas, fluxograma.....	31
Figura 12 – Tipos de Metodologias Ativas.....	33
Figura 13 – Cartaz sobre Gamificação.....	35
Figura 14 – Sala de Aula Escola Geminiano Queiroz.....	38
Figura 15 – Laboratório de Informática Escola Geminiano Queiroz	38
Figura 16 – Quadra de Espostes Escola Geminiano Queiroz	38
Figura 17 – Atividade em grupo Escola Classe 4 de Sobradinho.....	40
Figura 18 – Atividade em grupo Escola Classe 4 de Sobradinho.....	40

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CIEB – Centro de Inovação para a Educação Brasileira

CSCW – *Computer Supported Cooperative Work* (blogs, wikis, redes sociais, sistemas colaborativos, etc)

DF – Distrito Federal

EAD – Educação a Distância

FE – Faculdade de Educação

GO – Goiás

MEC – Ministério da Educação

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

RED – Plataforma MEC de Recursos Educacionais Digitais

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UAB- Universidade Aberta do Brasil

UNB- Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

Este trabalho se inicia com a narrativa acerca do percurso que tracei ao longo da minha vida acadêmica pelo qual se delineou toda a estrutura das perspectivas que apresento agora. Por este instrumento, demonstramos a busca de caminhos que indiquem um bom sinal, boas práticas, diálogos produtivos, efetivação no desenvolvimento das atividades docentes em prol de um ensino de qualidade, que utilize técnicas e ferramentas à disposição e que contribuam para chamar a atenção dos alunos para apreensão real e construção articulada do conhecimento. Trata-se de pesquisa bibliográfica para conceituar alfabetização e letramento digital; apresentar abordagens inovadoras voltadas à atuação dos docentes junto aos alunos de séries iniciais do ensino fundamental; e pesquisa de campo sobre experiências em alfabetização e letramento com o aporte das tecnologias digitais em uma escola pública no Distrito Federal e em escola pública municipal no Estado de Goiás. Por fim, apresento minhas perspectivas futuras.

Palavras-chave: biblioteca digital; letramento; inovação; tecnologia;; abordagens inovadoras.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
-------------------	----

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO

1. Minha infância.....	14
2. Formação acadêmica.....	14
3. Estágio	18

PARTE II – TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO.....	23
1. Alfabetização e letramento digital.....	24
2. Políticas Públicas	26
3. Abordagens Inovadoras.....	29
A. Metodologias Ativas	30
B. Gamificação	34
C. Aprendizagem Móvel	35
D. Cultura Maker	36
4. Pesquisa	
a) Procedimentos Metodológicos	37
b) Apresentação, Discussão e Interpretação de Resultados.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
 PARTE III – PERSPECTIVAS.....	 45
REFERÊNCIAS.....	47

APRESENTAÇÃO

Trata-se de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, integrante do Componente Curricular Projeto 5 – Fases I e II do curso de Licenciatura em Pedagogia, modalidade EaD da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília pelo projeto Universidade Aberta do Brasil – UAB.

Refere-se a uma atividade acadêmica obrigatória composta da sistematização, do registro e da apresentação de conhecimentos e impressões produzidos no decorrer do (per) curso. Início com um relato Memorial, no qual discorro sobre a minha infância, em seguida, descrevo minha formação acadêmica, depois registro as experiências adquiridas a partir das disciplinas estudadas e, por último, aponto as atividades desenvolvidas durante o estágio obrigatório.

A proposta desta pesquisa é conceituar alfabetização e letramento digital; discorrer sobre as políticas públicas em vigência voltadas à essa área com base na inovação tecnológica, bem como apresentar abordagens inovadoras que utilizam ferramentas tecnológicas e metodologias voltadas à inovação digital pedagógica na educação fundamental, séries iniciais; e apresentar pesquisa de campo realizada em escolas públicas em Sobradinho-DF e Distrito de Olhos D'Água-GO.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

*Fui ficando só, sem cuidados. Todos os que
nos cuidavam tomaram outros rumos e,
com eles, foi-se o carinho de que eu vivia.
De novo voltam a preocupar-se comigo
não por cuidado, mas por medo.
Porque me tornei um incômodo.*

*A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou...
Quero ir buscar quem fui onde ficou.*

*Quero poder imaginar a vida
como ela nunca foi,
e assim vivê-la vívida e perdida,
num sonho que nem dói.
(Fernando Pessoa)*

Infância

Minha vida tem sido como um mar, vezes um tanto quanto revolto, outras, calma, mas que é movido pelos ventos e, como tais, vão e vem suave ou fortemente.

A menina, nascida e que viveu no interior do estado do Ceará até os 13 anos, é cheia de boas lembranças, de memórias afetivas, sentimento de acolhimento, de segurança, de alegria participativa, de interação sem distinção (para mim, não havia preconceito nem discriminação, não sabia o que era isso), principalmente no âmbito da escola, que era onde se desenvolvia com mais intensidade e frequência as relações de amizade, respeito e cumplicidade. Desse tempo, me resta a admiração e o afeto por professores, coordenadores, funcionários das escolas onde frequentei.

Porque meu mundo ficou pequeno, porque queria aprender outras coisas, conhecer novas pessoas, viver outras experiências para ter o que contar quando voltasse nas férias, fui morar na capital do Estado. Lá, de fato, foi como imaginei: tudo muito diferente, tudo muito grande, tudo muito longe, estranho, um pouco amedrontador. Mas, firmei-me no meu propósito e segui, com perseverança e confiança, fazendo amizades, esforçando-me ao máximo para acompanhar o ritmo do colégio onde fui matriculada, após um teste de seleção.

Formação Acadêmica

Passei no vestibular para duas faculdades: Psicologia e Filosofia. Não pude concluir nem uma, nem outra por motivos distintos. Mas, enquanto cursava a Psicologia, fui contratada para assumir uma turma, na época, chamada de Alfabetização. Por um ano, adquiri a experiência profissional mais gratificante até então.

Mas, uma onda forte veio no meu mar da vida e me trouxe a Brasília, onde moro até hoje. Aqui, por necessidade de sobrevivência, fiquei distante do mundo acadêmico e da sala de aula por um bom tempo, sem, jamais, perder de vista o sonho em me formar e atuar na área que tanto me identifico. Acontece que, uma bela manhã de sol, ao ir para o trabalho, ouvi no rádio que a UnB estava com um projeto novo que levaria a universidade ao interior dos estados e que seria ótima oportunidade para quem não tinha acesso aos grandes centros, nem disponibilidade de tempo para frequentar uma sala de aula, este último, meu caso. Na mesma manhã, inscrevi-me no vestibular e combinei com amigas para que me levassem até Alto Paraíso de Goiás, polo que escolhi por ser o mais perto dentre todos.

Dias mais felizes, desde o dia em que minha filha nasceu (que hoje tem 22 anos), foi quando

soube o resultado do vestibular e me soube aprovada para o curso de Pedagogia, quando fiz a matrícula, quando fui ao primeiro encontro presencial. A partir daqueles dias, ganhei novo fôlego e autoestima.



Figura 1 – fachada principal do Pólo de Alto Paraíso

Tudo era novidade, desde a metodologia, a forma do curso, o uso do ambiente virtual, a forma de se comunicar com professores, tutores, colegas. Era tudo um desafio, pois mesmo sendo conhecedora da grande rede mundial, não havia ainda sido inserida obrigatoriamente nesse meio e tendo que realizar as atividades, tirar dúvidas, fazer pesquisa, realizar trabalho em grupo com colegas que estavam a 250km de distância, no mínimo. Mas o propósito era gratificante e o fim seria glorioso.

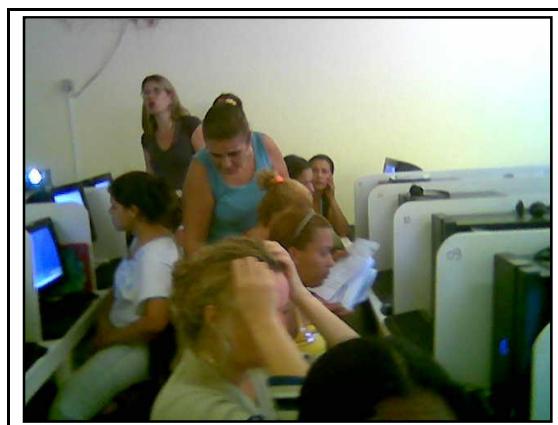


Figura 2 – Laboratório do Pólo UAB Alto Paraíso

Empolgada, fui para o primeiro semestre durante o qual já me deparei com disciplinas que me remeteram ao mundo da Educação de modo como jamais havia pensado. Projeto 1, Investigação Filosófica, Teorias da Educação, Perspectivas do Desenvolvimento Humanos e Antropologia e

Educação me deram um choque de entusiasmo e vontade de atuar, me aprofundar, nos conceitos que foram apresentados, nos questionamentos levantados, nas discussões, na contundência da professora de Antropologia, principalmente, que instigava os alunos com força, fazendo-nos ver que somos capazes, que nosso limite estava além, que poderíamos crescer e aproveitar o máximo aquela oportunidade, aqueles conteúdos. Ao final, tive um ótimo aproveitamento.



Figura 3 – Trabalho em grupo: pesquisa de campo em escola em Alto Paraíso

No segundo semestre, mais conceitos novos e abordagens inéditas e, até mesmo de temas tão atuais como Educação Ambiental, trouxeram novos paradigmas e modos de ver o mundo. Concomitantemente, aprender sobre a História da Educação também enriqueceu as perspectivas e os horizontes a serem alcançados. Também nesse semestre, fizemos Projeto 2.

A Lua, mais uma vez, influenciou o mar da minha vida e, veio uma onda em formato de tubo onde tive que me abaixar, me recolher e seguir o que me foi destinado.... Tive que mudar de emprego e de profissão, o que me levou a dedicar menos do meu tempo aos estudos. Meu rendimento caiu. Nesse semestre, a Organização da Educação Brasileira também me situou quanto ao contexto da educação no Brasil.

Sem perder a coragem, semestre seguinte, continuei insistindo no meu tão sonhado curso e, de quatro disciplinas, tive rendimento insuficiente em apenas uma. Ensino e Aprendizagem da Língua Materna trouxeram um olhar humano para aquilo que aprendi como obrigatório, embora sempre tenha sido apaixonada pela nossa língua. Mas, aprender sobre as variações linguísticas decorrentes das regiões, da classe social, as políticas que promovem a interação e o acesso à compreensão e o ensino humanizado daquilo que é tão natural para nós brasileiros. Nesse semestre, justamente a matéria que julguei que teria mais facilidade, fui preterindo-a em razão do trabalho e acabei reprovada. Era a Psicologia da Educação.

E, nesse tsunami no qual fui submergida (no trabalho, tinha que viajar para lugares remotos e longínquos – aldeias indígenas, grandes obras, exterior, aldeias de pescadores, canteiros de obras, etc. – longas distâncias percorridas de carro, avião), que me impedia de executar as atividades, acabei adiando o sonho e fiquei por quatro semestres afastada.

Mesmo lutando contra a atração gravitacional da Lua e as marés, pedi reintegração em 2011 ao que fui atendida e cursei, no segundo semestre daquele ano, Pesquisa em Educação e Fundamentos da Linguagem Musical na Educação com aproveitamento mediano.

Sem me perder no ritmo das ondas, cursei o período de 2012/1 com as disciplinas de Sociologia da Educação, Educação de Adultos, Educando com Necessidades Educacionais Especiais (muito rica, por sinal, e que me fez raciocinar sobre a importância dos equipamentos, da preparação dos profissionais que atuam na Educação Especial, na dificuldade das famílias em acessar esse ensino, na delicadeza que é esta área), Psicologia da Educação (outra paixão) e Educação a Distância – Pedagogia (que, a meu ver, deveria ter sido no primeiro semestre de curso). Foi difícil lidar com tantas matérias no mesmo semestre e o trabalho e filha e marido, enfim, mas consegui.

E segui o percurso... Só pude fazer duas disciplinas no segundo semestre de 2012 pois foi o ofertado: Literatura e Educação e Psicologia Social na Educação.

Em 2013/1, matriculei-me novamente no máximo de disciplinas que pude. Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE, Educação Matemática 1, Fundamentos da Arte na Educação, Educação das Relações Étnico-Raciais, Escolarização de Surdos e LIBRAS e Orientação Vocacional Profissional, das quais não atingi a média em duas.



Figura 4 – trabalho em grupo no Pólo de Alto Paraíso

Semestre seguinte, apesar de matriculada, não cursei. Foi um ano em que assumi a chefia de um setor que me obrigava a tomar a frente de muitas atividades também relacionadas a viagens, preparação de eventos institucionais.

Muitas chances foram-me ofertadas e segui tentando por mais três semestre sem

aproveitamento total, das quais apenas Didática Fundamental (disciplina com uma metodologia interessante e clara), Educação Matemática 1 e 2, Oficina de Formação de Professor Leitor, Filosofia da Educação, Avaliação nas Organizações Educativas, Projeto 3 – Fase 2.

Novamente desligada, fui reintegrada em 2016/1 quando, finalmente, estou a cursar ininterruptamente desde esse semestre até hoje, passando pelas disciplinas de Educação e Trabalho, Projeto 3 – Fase 1, Educação Infantil, Fundamentos da Arte na Educação, História da Educação Brasileira – Pedagogia.

Estágio

Em seguida, fui matriculada em Ensino de Ciência e Tecnologia; Administração das Organizações Educativas; Educação em Geografia, que me abriu o apetite para pensar nessa ciência como um forte elemento para construir, junto com o ensino de História, a promoção da cidadania entre os meus futuros alunos; e Projeto 4 – Fase 1. Esta última foi a que mais me tirou o sono, até hoje, pois envolveu uma série de providências, dedicação, desligamento do trabalho em detrimento do estágio em escola, elaborar relatórios, diários de bordo, participar das atividades na escola, entender como me portar e como agir no ambiente escolar perante professores, alunos, técnicos, pais e toda a comunidade escolar. Foi um exercício de redescoberta da rotina escolar, dos propósitos, do questionamento dos métodos, das dificuldades da aplicabilidade do Processo Pedagógico e da sua não execução, por vezes. Das restrições pelas quais passam as escolas públicas, as limitações dos docentes, as carências com que convive a escola gratuita, etc.



Figura 5 – sala de aula na Escola Classe 206 Sul/DF



Figura 6 – Escola Classe 206 Sul



Figura 7- sala de aula Escola Classe



Figura 8 – sala de aula em Escola Classe 206 Sul/DF

No primeiro semestre de 2017 vieram as disciplinas de:

a) **Processos de Alfabetização**, que foi muito bem estruturada, fazendo-nos refletir e abrir os horizontes, despertando o interesse pela nossa história, por mergulharmos nos nossos sentimentos e impressões, fazendo-nos até poetar!* Passei a observar melhor os processos de alfabetização com suas possíveis falhas, dediquei-me a pensar nas probabilidades de dirimir esse déficit, de pesquisar mais a fundo para, um dia, quem sabe, propor um trabalho no qual alunos e professores pudessem construir novas formas de se inserirem no letramento com paixão e ternura. As questões como falta de recursos, principalmente nas escolas públicas, o trabalho extenuante com turmas volumosas e diversas que impedem do uso da criatividade para driblar as carências ainda disputam com jogos eletrônicos, a internet.

*Queridos colegas e professora, olá!
 Meu nome é Alecsandra Brasil
 Vim de longe, lá do Ceará.
 De uma cidade que nem no mapa se viu,

Estou no Planalto Central pra estudar
 Ver um jeito de crescer, aprender e colaborar.

Tenho fé que um dia,
a minha "fia" vai ver eu me formar.

Moro em Brasília,
Querendo ir de vez pro Goiás.
Enquanto isso não acontece,
Vamos correndo atrás...

Feliz de iniciar mais um semestre,
Pois sou é filha de cabra da peste
Não desisto, não vou parar
Logo mais, com fé em Deus, vamos todos Educar!

b) Ensino de História e Diversidade Cultural que me fez organizar e perceber a construção e a importância desse processo para as crianças visando à formação cidadã. A turma pode constatar que ainda é incipiente a pesquisa direcionada à História ensinada na 1ª Fase do Ensino Fundamental, que o questionamento relacionado à qualidade e à efetividade do ensino, no sentido de que, como afirma Lima, “não basta que tal conteúdo seja ministrado na escola, é imprescindível que o seu ensino contribua para o processo de construção de identidade e de formação de cidadania dos alunos”, é levantado com relevância para que esse processo seja resultado de ampla discussão no meio educacional e que resulte num ensino que proporcione aos alunos a construção e reconhecimento de sua identidade como partícipe da sua respectiva comunidade e pense o processo histórico como sendo aberto à colaboração de todos.



Figura 9 – Registro fotográfico escolar

c) Políticas Públicas da Educação que a partir da conceituação, da compreensão dos processos que culminam em ações se apresentam como um conjunto de ações públicas desencadeadas pelo Estado com vista ao bem coletivo (sociedade), ou seja, atividade política com promoção a uma cultura pacífica, crucial para a preservação da dignidade humana. Diante das transformações sociais, econômicas, culturais e políticas, mecanismos e estratégias sempre afluíram no comportamento dos diversos atores sociais na busca de ações e estratégias e de estruturas que consolidasse uma educação de qualidade para todos. Para o docente, para o educador compreender que, a partir da implementação de políticas públicas, é que se dará todo o processo educativo amplo, inclusivo, respeitador das diversidades, atuando na transversalidade, na intersetorialidade, com a participação de toda a sociedade é que a Educação poderá ser, de fato, o principal instrumento para uma sociedade igualitária e acessível a todos.

d) Projeto 4 – fase 2 foi, mais uma vez, a vivência mais ativa por conta do contato com a própria realidade da Escola Classe 206 Sul. A experiência com a prática educacional e todos os processos pedagógicos com os quais tive contato fez-me ver para além dos sistemas de ensino, para além da minha própria visão de mundo. Sob novos ângulos, penso, agora, em construir novas propostas de pesquisa e atuação para quando concluir o curso de pedagogia e estiver inserida, totalmente, no ambiente escolar. Repensar a educação a partir de técnicas práticas e objetivas, com base no indivíduo e na coletividade na qual o aluno está inserido, visando reconstruir a escola de forma integradora, que reavalie seus métodos com humanidade, civilidade e doçura, pode ser o caminho para dirimir um grande número de atrocidades, desigualdades, déficits. Fomentar o desenvolvimento da autoestima, do senso crítico por meio do acesso ao conhecimento, através da oportunidade de desenvolver e descobrir a ciência, compreender os processos históricos, aprender a interpretar suas realidades, manifestando-se por meio da escrita, da prática da leitura, possibilitando, assim, o surgimento de talentos por meio da poesia, da música, da literatura são os sonhos que acalento neste momento.

A experiência foi riquíssima e estimulante. Tive ótimas respostas às minhas participações, apesar de um pouco de insegurança no início do processo e do pouco tempo que dispunha para dedicação exclusiva aos estudos quanto à práxis. Esperançosa em ver que é possível a mudança de paradigma no sistema educacional, onde passaríamos da obrigatoriedade, da imposição à construção coletiva do conhecimento, da valorização da cultura local, da percepção e valorização do ambiente, da natureza, das relações das pessoas entre si e dessas com o mundo em geral. Feliz com a possibilidade de participar desse processo, de contribuir para proporcionar a evolução e o crescimento de pessoas em busca de um mundo melhor.

PARTE II

TRABALHO MONOGRÁFICO

Introdução

Início meu trabalho mencionando a preocupação mundial com a educação implementada como um direito fundamental quando, em reunião da comunidade internacional, foi ratificada a meta de assegurar que:

Até 2030, acordou-se “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (Agenda 2030, ODS 4)¹.

Em publicação organizada pela USP com a cooperação da Representação da UNESCO no Brasil, em 2018², ressalta-se que a educação é um direito fundamental e central e que o compromisso da comunidade internacional em garantir a realização desse direito foi renovado e ampliado pela Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) durante encontro da comunidade internacional em 2015.

Inseridos num contexto mundialmente globalizado, com tanta tecnologia, inúmeras ferramentas disponíveis hoje em dia, vemo-nos diante da necessidade urgente de desenvolvermos habilidades e capacidades para que, a partir de uma prática de sensibilização cultural, juntos, possamos elencar e superar as eventuais barreiras que impedem a efetiva comunicação no ambiente escolar.

Segundo Miguel Arroyo (2004)³,

Ao longo da história sempre que os educandos mudaram, a pedagogia e a docência foram tensionadas. Aí as tensões assumem um caráter mais radical: quando as imagens dos educandos se quebram, que acontecerá com nossas imagens docentes? Em realidade continuamos às voltas com as mesmas indagações: os significados de nossos ofícios estão mudando. Continuamos atrás de nossas identidades pessoais e coletivas. Com uma novidade: desta vez vemos nossas identidades refletidas no espelho da infância, da adolescência e da juventude com que lidamos. São as imagens destes tempos da vida que estão se quebrando? Com elas quebram-se também as imagens da pedagogia e do magistério? Haveremos de construir outras imagens dos educandos para reencontrar nossas identidades. Este pode ser o desafio que neste momento incomoda a categoria docente.

E é com esse dilema em pauta que iniciamos nossa busca. À procura de caminhos que

¹ Direito à educação e direitos na educação em perspectiva interdisciplinar / organizado por Nina Beatriz Stocco Ranieri e Angela Limongi Alvarenga Alves. – São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação/Universidade de São Paulo (USP), 2018.

² Direito à educação e direitos na educação em perspectiva interdisciplinar / organizado por Nina Beatriz Stocco Ranieri e Angela Limongi Alvarenga Alves. – São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação/Universidade de São Paulo (USP), 2018.

³ Arroyo, Miquel. Imagens quebradas Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

indiquem um bom sinal, boas práticas, diálogos produtivos, efetivação no desenvolvimento das atividades docentes em prol de um ensino de qualidade, que utilize técnicas e ferramentas à disposição e que contribuam para chamar a atenção dos alunos para apreensão real e construção articulada do conhecimento.

1) Alfabetização e Letramento Digital: Conceituação

Parte-se da premissa de Soares (1998) de que letramento “é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. E também se compartilha o pressuposto de que a própria definição de letramento já é passível de grande variedade de interpretações, pois, segundo Soares (2006, p.65), “o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; [...] sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição”.

Por outro lado, Kleiman⁴ (1995, p.20) afirma que:

A escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termo de uma competência individual necessária par ao sucesso e promoção da escola.

Para Buckingham⁵ (2010),

o letramento digital não é somente uma questão funcional de manusear o computador e fazer pesquisas; é necessário saber localizar e selecionar os materiais por meio de navegadores, hyperlinks e mecanismos de procura, entre outros. Não basta ter somente habilidades necessárias para se recuperar informações na mídia digital, é preciso ser capaz “de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento” (BUCKINGHAM, 2010, p. 49).

Para esse autor, o letramento digital envolve atitudes relacionadas a questionamentos sobre

⁴ KLEIMAN, Angela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita / Angela Kleiman (org). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

⁵ BUCKINGHAM, D. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, 2010. Disponível em: .18 de abril de 2018

fontes da informação, sobre a ligação dessa informação com questões sociais, políticas, econômicas, como promover o pensamento crítico e não a educação massificante e limitadora que o ensino tradicional tem insistido em manter.

Mediante essa realidade, podemos perceber a força que as ferramentas tecnológicas têm quando se tratam de promover o acesso rápido e diverso a muito mais fontes de pesquisa, métodos atrativos de ensino, interação com outros docentes, instituições, com os alunos, com outras realidades.

De acordo com o Ministério da Educação (2018), “a tecnologia já se revelou um instrumento eficaz para conquistar equidade no acesso ao estudo, contemporaneidade no aprendizado e melhorias na gestão das redes educacionais.”⁶

Segundo a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental⁷, que é o “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”, dentre alguns preceitos no quesito “Competências Gerais”, estão:

- Conhecimento: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.”
- Pensamento científico, crítico e criativo: “Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas..
- Cultura Digital: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, MEC, 2017).

As dez Competências Gerais são a introdução da Base Nacional Comum Curricular, definidas a partir de direitos éticos, estéticos e políticos ratificados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, dos conhecimentos atitudes, habilidades e valores fundamentais para a vida na atualidade. As competências mencionadas acima, estão mais ligadas diretamente ao processo de letramento digital, pois mencionam, especificamente as tecnologias digitais e como estas devem ser

⁶ BRASIL. Ministério da Educação, Programa de Inovação Educação Conectada. Disponível no sítio: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77461-conceito-do-programa-de-inovacao-educacao-conectada-pdf&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192

Acesso em: 10 de maio de 2018

⁷ BRASIL. Ministério da Educação, Base Nacional Comum Curricular. Disponível no sítio: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 3 de abril de 2018

desenvolvidas, como sendo de forma crítica, significativa e ética para que se promova comunicação, produção de informações e conhecimentos e que o aluno seja capaz de resolver problemas e atue com autonomia.

No livro “Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores”, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, é ressaltada a importância da alfabetização midiática informacional (AMI) como ferramenta para que o cidadão desenvolva as competências necessárias para uma compreensão crítica dos fenômenos da comunicação e como participar dessas mídias.

Para uma boa atuação de docentes e trabalhadores da Educação é essencial que as ferramentas imprescindíveis, como bibliotecas, arquivos e internet estejam disponíveis objetivando o meio pelo qual a sociedade conhece sobre ela mesma, pautando-se para alcançar as decisões mais adequadas em prol da comunidade.

As competências adquiridas pela alfabetização midiática e informacional podem equipar os cidadãos com habilidades de raciocínio crítico, permitindo que eles demandem serviços de alta qualidade das mídias e de outros provedores de informação. Conjuntamente os cidadãos fomentam um ambiente propício em que as mídias e outros provedores de informação possam prestar serviços de qualidade.⁸

Entretanto, para que essas competências sejam desenvolvidas, os professores devem ser alfabetizados em mídia e informação para que se tornem multiplicadores de conhecimentos e habilidades para que possam promover o empoderamento dos

alunos em relação ao aprender a aprender, a aprender de maneira autônoma e a buscar a educação continuada. Educando os alunos para alfabetizarem-se em mídia e informação, os professores estariam respondendo, em primeiro lugar, a seu papel como defensores de uma cidadania bem informada e racional; e, em segundo lugar, estariam respondendo a mudanças em seu papel de educadores, uma vez que o ensino desloca seu foco central da figura do professor para a figura do aprendiz.⁹

No entanto, nossa sociedade precisa aprender a utilizar de forma correta os dispositivos de rede disponíveis. Ainda é bem distante a prática pedagógica que temos da que queremos. Há muita coisa a ser trabalhada, a começar pela disponibilidade de equipamentos adequados.

2) Políticas Públicas

O Governo brasileiro vem, há alguns anos, implementando políticas voltadas ao desenvolvimento e implementação de tecnologias na Educação, disponibilizando e divulgando a importância do uso de tecnologia nas escolas, como o projeto Educom, nas décadas de 1970 e 1980;

⁸ Wilson, Carolyn. Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores / Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi-Kim Cheung – Brasília: Unesco, UFTM, 2013.

⁹ Wilson, Carolyn. Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores / Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi-Kim Cheung – Brasília: Unesco, UFTM, 2013.

o ProInfo, no final da década de 1990; o programa Um Computador por Aluno (2005); o Programa de Banda Larga nas Escolas, instituído em 2008.

Segundo o Ministério da Educação (2018),

o Brasil precisa, sem demora, de diretrizes nacionais que garantam a todos os estados e municípios condições de implementar ações de inovação e uso de tecnologia nas escolas. Isso porque a tecnologia já se revelou um instrumento eficaz para conquistar equidade no acesso ao estudo, contemporaneidade no aprendizado e melhorias na gestão das redes educacionais.¹⁰

No entanto, as práticas pedagógicas devem ser orientadas para a inovação em sala de aula, de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, mais especificamente nas metas 3, 5 e 7:

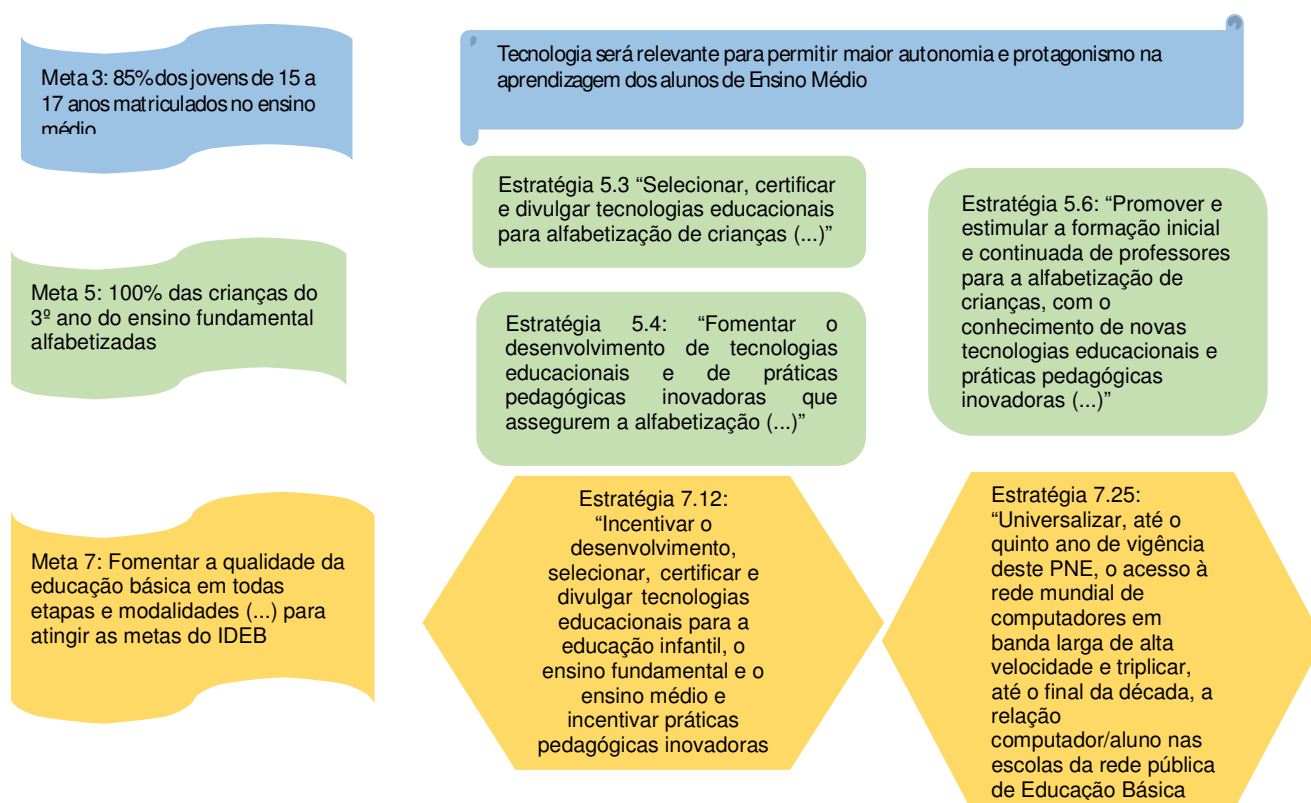


Figura 10 – Metas PNE 2014-2024

2.1 Programa de Inovação Educação Conectada

Com base nisso, O Ministério da Educação (MEC) lançou, em parceria com instituições

¹⁰ BRASIL. Ministério da Educação, Programa de Inovação Educação Conectada. Disponível no sítio: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77461-conceito-do-programa-de-inovacao-educacao-conectada-pdf&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192

Acesso em: 10 de maio de 2018

governamentais e não governamentais, a Política de Inovação Educação Conectada, resultante de uma articulação horizontal e colaborativa que envolveu todos os entes federativos, no qual se destacam o conhecimento e a vivência de gestores de tecnologia das redes estaduais e municipais de ensino, fundamentais para a identificação das realidades educacionais locais.

Segundo o MEC, “o potencial da tecnologia em favor da educação só é concretizado integrando-se quatro dimensões: visão, competências de gestores e professores, acesso e qualidade de recursos educacionais digitais e infraestrutura.”¹¹

Articulado com o PNE e apoiando o desenvolvimento das competências da Base Nacional Comum Curricular, o que significa

“utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.”¹²

2.1.1 Plataforma Integrada de Recursos Educacionais Digitais do MEC

Como recursos educacionais digitais, o MEC disponibiliza ferramentas digitais que permitem o incentivo à aquisição e à socialização entre todas as redes de ensino por meio da nova Plataforma Integrada de Recursos Educacionais Digitais do MEC, com matérias digitais já desenvolvidos pelo ministério e os produzidos por outros parceiros.

Adaptada para disponibilizar recursos direcionados a professores visando facilitar a busca de conteúdos e materiais de formação concentrados em um só lugar. Baseado na metodologia das redes sociais, incentiva a participação de professores e a troca de experiências e o compartilhamento de conhecimentos.

De acordo com o Ministério da Educação, como ação vinculada a esse programa, “estão sendo reformulados o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Guia de Tecnologias” que permitirá que estados e municípios optem pela aquisição de livros ou recursos digitais.

2.1.2 Formação de gestores e professores

Ainda no âmbito do Programa de Inovação Educação Conectada, o MEC informa que “a formação para inovação e tecnologia vai cobrir três frentes:

a) Formação inicial: o MEC articulará, com as instituições de ensino superior, a incorporação de

¹¹ BRASIL. Ministério da Educação. Programa de Inovação Educação Conectada. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77461-conceito-do-programa-de-inovacao-educacao-conectada-pdf&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192

Acesso em: 10 de maio de 2018.

¹² BRASIL. Ministério da Educação. Programa de Inovação Educação Conectada. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77461-conceito-do-programa-de-inovacao-educacao-conectada-pdf&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192

Acesso em: 10 de maio de 2018.

componentes de tecnologia educacional nos currículos das graduações e licenciaturas;

b) Formação continuada: estão sendo criadas trilhas on-line, com materiais existentes e com novos conteúdos alinhados à BNCC;

c) Formação para articulação: está prevista a formação de mais de seis mil servidores municipais, estaduais e do DF, garantindo pelo menos um articulador formado em cada ente federado que aderir ao Programa, para apoiá-los no desenvolvimento de seus Planos Locais de Inovação.

2.1.3 Infraestrutura

O Programa contará com conectividade por infraestrutura terrestre e por satélite.

2.1.4 Processo de Monitoramento

Serão analisados os seguintes indicadores:

- ☐ Número de redes com planos de inovação completados;
- ☐ Número de usuários únicos por mês na Plataforma Integrada;
- ☐ Percentual de concluintes das formações de multiplicadores do Programa;
- ☐ Percentual de alunos de ensino Fundamental e Médio em escolas com internet atendendo às metas de velocidade;
- ☐ Percentual de alunos de ensino Fundamental e Médio em escolas com distribuição Wi-Fi para alunos;
- ☐ Desempenho da conectividade;
- ☐ Número de escolas com acesso à internet na velocidade adequada;
- ☐ Número de alunos nessas escolas;
- ☐ Número de professores nessas escolas;
- ☐ Preço da velocidade contratada.

3) Abordagens Inovadoras

A partir de pesquisa em bibliotecas digitais e participação em eventos relacionados ao tema, ressaltamos algumas abordagens inovadoras que estão em prática em muitas instituições no Brasil e mundo afora e que são exitosas e oferecem boas perspectivas para superação dos nossos déficits educacionais como analfabetismo, evasão escolar, desânimo por parte dos docentes, desintegração entre escola e comunidade, entre outros, bem como proporcionam uma

(re)significação na prática docente.

A formação do docente é um emergente desafio que precisa ser efetivado em teoria e prática, buscando “uma maneira de dar espaço no currículo ao desenvolvimento e à compreensão das individualidades e ao mesmo tempo despertarmos o espírito coletivo baseado na solidariedade e na compreensão do outro, o aluno, o colega, o professor, a comunidade, a nação, o mundo”. (Moraes, 2008, p.288)

O professor contemporâneo tem como características a criatividade, facilidade de comunicação, conhecimento e estudo, poder de decisão (com criticidade, proatividade, iniciativa e criatividade).

A. Metodologias Ativas

É uma abordagem cujo foco é o aluno que, por meio de atividades em grupo, com o incentivo do professor mediador e facilitador, busca autonomia por meio de reflexão acerca dos objetivos das atividades, proporcionando ações inovadoras que valorizam a diversidade de opiniões e a participação ativa de todos os envolvidos.

A Revista Thema (2017) ¹³ apresenta o tema e afirma que

“Ao contrário do método tradicional, que primeiro apresenta a teoria e dela parte, o método ativo busca a prática e dela parte para a teoria (Abreu, 2009). Nesse percurso, há uma “migração do ‘ensinar’ para o ‘aprender’, o desvio do foco do docente para o aluno, que assume a corresponsabilidade pelo seu aprendizado” (Souza; Iglesias; Pazin-Filho, 2014, p. 285). A partir de uma maior interação do aluno no processo de construção do próprio conhecimento, que, conforme explicitado anteriormente, é a principal característica de uma abordagem por metodologias ativas de ensino, o aprendiz passa a ter mais controle e participação efetiva na sala de aula, já que exige dele ações e construções mentais variadas, tais como: leitura, pesquisa, comparação, observação, imaginação, obtenção e organização dos dados, elaboração e confirmação de hipóteses, classificação, interpretação, crítica, busca de suposições, construção de sínteses e aplicação de fatos e princípios a novas situações, planejamento de projetos e pesquisas, análise e tomadas de decisões (Souza; Iglesias; Pazin-Filho, 2014).

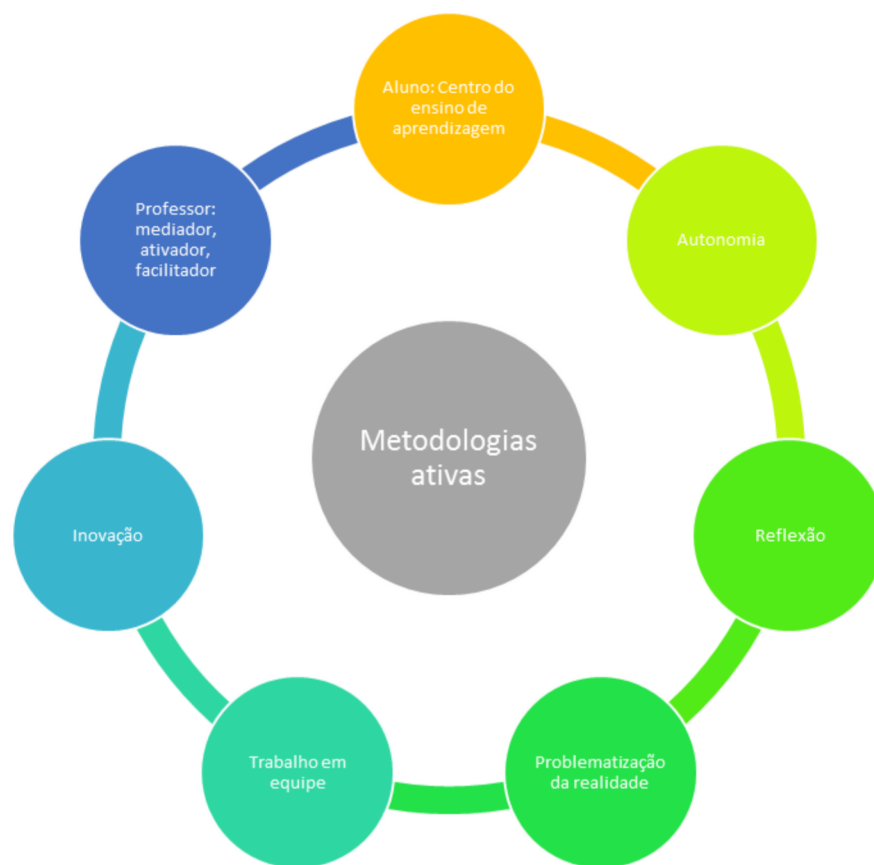


Figura 11 – Fluxograma Metodologias Ativas

A.1 Autonomia

Através do engajamento em novas aprendizagens, pela compreensão, pela escola e pelo interesse o aluno amplia suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões, o que o leva a um melhor preparo para o exercício de uma profissão. Berbel (2011, p. 29)¹⁴ compartilha do entendimento de que

esta característica é fundamental, no futuro, para o exercício da autonomia: O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro.

Portanto, a postura do docente é significativa nesse processo de exercício da autonomia do estudante. Segundo Reeve (2009 apud Berbel, 2011, p 28),

o professor contribui para promover a autonomia do aluno em sala de aula, quando:

¹⁴ BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

a) nutre os recursos motivacionais internos (interesses pessoais); b) oferece explicações racionais para o estudo de determinado conteúdo ou para a realização de determinada atividade; c) usa de linguagem informacional, não controladora; d) é paciente com o ritmo de aprendizagem dos alunos; e) reconhece e aceita as expressões de sentimentos negativos dos alunos.

A partir desta citação, podemos afirmar que ao utilizar as metodologias ativas no planejamento das atividades de aprendizagem, o docente terá importante contribuição no sentido de desenvolver a autonomia e a motivação nos alunos.

A.2 Reflexão e Problematização da Realidade

Princípios indissociáveis nas metodologias ativas, pois problematizar implica em analisar a realidade para que, tomando consciência dela, possam efetivar a construção da solução.

A.3 Trabalho em equipe

Essa atividade favorece a interação entre os alunos, proporcionando a troca de ideias, opiniões, o respeito às diversas opiniões, o exercício da democracia, quando o professor pode estimular a atitude crítica acerca da realidade.

A.4 Inovação

Partindo-se do próprio significado da palavra “inovar” “1. Introduzir novidades em. 2. Renovar; inventar; criar.” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2016), abstrai-se que, para as metodologias ativas, é fundamental o estímulo à criação de novos métodos, novos conceitos e práticas.

A.5 Professor: mediador, facilitador, ativador

O educador Paulo Freire tem no cerne de sua teoria e práticas pedagógicas a proposição de que

o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento

já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “do-discência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico. (Freire, 2015) ¹⁵

A partir desse conceito, inferimos que o professor tem o papel de provocar, instigar e promover “condições de construir, refletir, compreender, transformar, sem perder de vista o respeito a autonomia e dignidade”.¹⁶

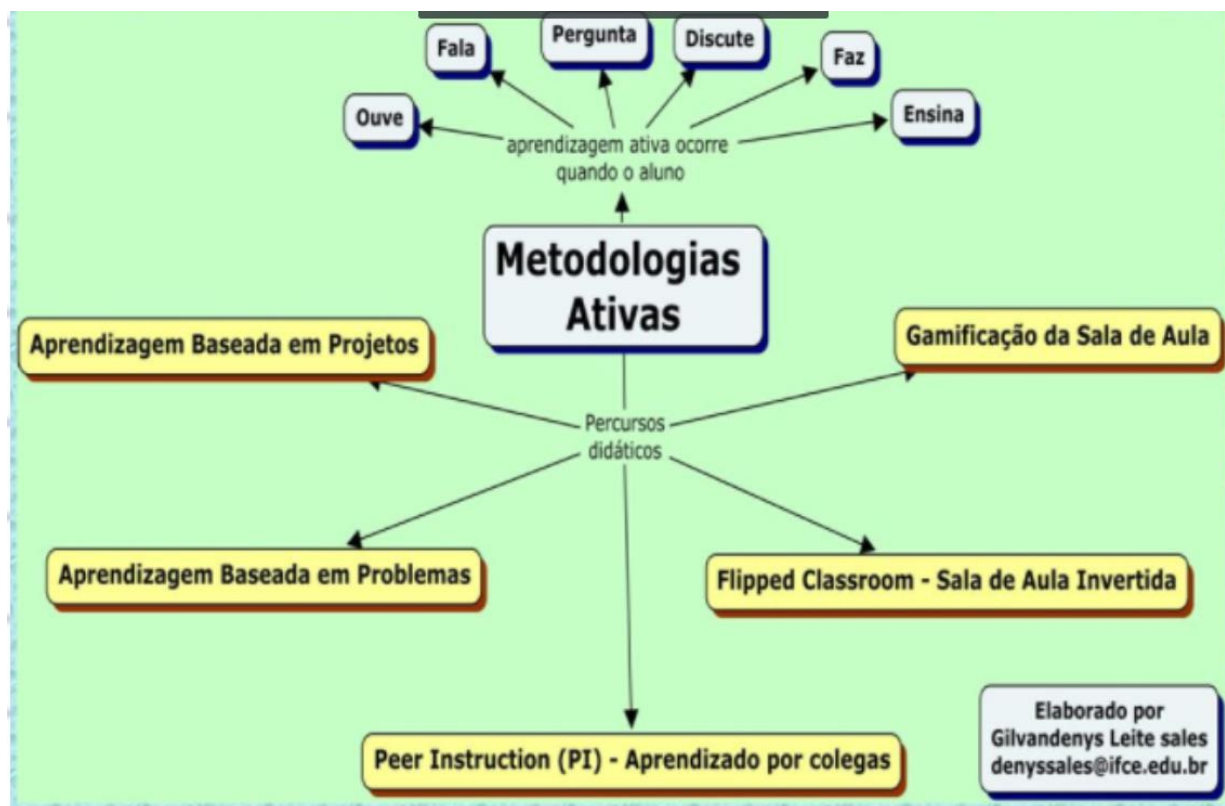


Figura 12 – Tipos de Metodologias Ativas

Alguns tipos de metodologias ativas

- Ensino Híbrido – combina ferramentas, ambientes e organizações para potencializar a aprendizagem; o aluno alterna momentos sozinho, com outros, em grupo e com o professor;
- Sala de aula invertida – aulas menos expositivas, mais participativas e produtivas, pois o aluno conhece o conteúdo das aulas previamente, fora do ambiente escolar, trazendo pra escola seus questionamentos e suas contribuições;
- Aprendizagem por projetos: Metodologia baseada na investigação em que os alunos se

¹⁵ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 51ªed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

¹⁶ Revista Thema 2017 | Volume 14 | Nº 1 274. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/404/295>

envolvem com tarefas e desafios para solucionar um problema ou construir um **projeto**. É uma metodologia de **aprendizagem** em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para desenvolver um **projeto** ou um produto (porvir.org/aprendizagem-baseada-em-projetos)¹⁷

-  Aprendizagem baseada em problemas: estudantes trabalham com o objetivo de solucionar um problema real ou simulado a partir de um contexto. Trata-se, portanto, de um método de aprendizagem centrado no aluno, que deixa o papel de receptor passivo do conhecimento e assume o lugar de protagonista de seu próprio aprendizado por meio da pesquisa.¹⁸

B. Gamificação

Refere-se ao uso de elementos de jogos em contextos de não jogo para a resolução de problemas e para engajamento das pessoas (Gomes, 2018). Deve seguir alguns passos:

-  Definir objetivos (geral e específicos)
-  Definir objetivos comportamentais (que mudanças gostaria de promover?)
-  Descrever seus estudantes (traçar perfil)
-  Criar atividades de repetição (com objetivos de prazos curtos e longos)
-  Promover a diversão durante as atividades

¹⁷ Aprendizagem baseada em projetos. Disponível em: <http://porvir.org/aprendizagem-baseada-em-projetos/>

¹⁸ Aprendizagem baseada em problemas (ABP): Um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2880>



Figura 13 – Template sobre Gamificação

C. Aprendizagem Móvel

De acordo com A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), “a aprendizagem móvel apresenta atributos exclusivos, se comparada à aprendizagem tecnológica convencional: ela é pessoal, portátil, colaborativa, interativa, contextual e situada; ela enfatiza a "aprendizagem instantânea" (UNESCO), já que a instrução pode ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento. Além disso, ela pode servir de apoio às aprendizagens formal e informal, tendo assim um enorme potencial para transformar a forma de se oferecer educação e treinamento.”

Ainda segundo a UNESCO, existem bons motivos para a implementação da aprendizagem

móvel, como, por exemplo:

- Amplia o alcance e a equidade da educação;
- Melhora a educação em áreas de conflito ou que sofreram desastres naturais;
- Assiste alunos com deficiência;
- Otimiza o tempo na sala de aula;
- Permite que se aprenda em qualquer lugar;
- Constrói novas comunidades de aprendizado;
- Dá suporte à aprendizagem in loco;
- Aproxima o aprendizado formal do informal;
- Provê avaliação e feedback imediatos;
- Facilita o aprendizado personalizado;
- Melhora a aprendizagem contínua;
- Melhora a comunicação;
- Maximiza a relação custo-benefício da educação.

D. Cultura Maker

A essência da cultura maker é “fazer antes e refletir depois”. Trata-se de uma evolução do “Faça Você Mesmo”. Estimula novas formas de inventar.

Durante o “Ctrl+e – III Congresso de Tecnologias da Educação”, o Professor André Raabe, da Univali, abordou a Cultura Maker e os principais motivos para que a utilizemos na escola:

-  Possibilita que os estudantes “pensem como inventores” ao invés de serem “ensinados sobre as invenções”;
-  Auxilia a formar habilidades desejáveis do cidadão do Século XXI;
-  Impulsiona a utilização de tecnologia para um propósito emancipatório;
-  Traz significado para muitas aprendizagens teóricas;
-  Integra conhecimentos de muitas áreas (em especial STEAM);
-  Resgata o protagonismo e a possibilidade do estudante construir e criar artefatos;
-  Pode resgatar o gosto do estudante em aprender (se apaixonar por suas ideias);
-  Promove o uso de metodologia ativas;
-  Impulsiona repensar o modelo de escola, currículo, aula, avaliação;

4) Pesquisa

a) Procedimentos Metodológicos

Na intenção de refletir sobre a formação do docente necessária para a alfabetização e letramento, de acordo com Minayo (2001, p. 22), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Como procedimentos, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que, segundo Minayo (1994), para quem “podemos dizer que a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse” (p. 53).

Santos, Molina e Dias (2007) afirmam que a pesquisa bibliográfica é

Um tipo de pesquisa obrigatória em todo e qualquer modelo de trabalho científico. É um estudo organizado sistematicamente com base nos materiais publicados. São exigidas a busca de informações bibliográficas e a seleção de documentos que se relacionam com os objetivos da pesquisa (p.127)

Por fim, foi feita pesquisa de campo por meio da qual foram abordados aspectos práticos e relacionados à realidade local, bem como a comunidade escolar lida com as políticas públicas e programas voltados à implementação de tecnologias digitais voltadas ao ensino das séries iniciais.

b) Sujeitos da pesquisa

Periódicos, docentes e alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental.

B) Apresentação, Discussão e Interpretação de Resultados

Apresentação



Figura 14 – sala de aula Escola Municipal Geminiano Queiroz

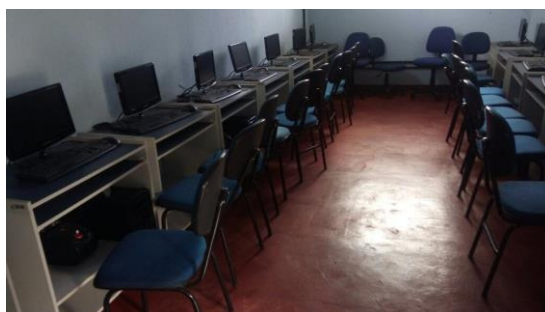


Figura 15 – sala de aula Escola Municipal Geminiano Queiroz



Figura 16 – Ginásio de Esportes Escola Municipal Geminiano Queiroz

Nome e endereço: Escola Municipal Geminiano Ferreira de Queiroz

Rua Câmara Filho nº 199, Olhos D'Água, Alexânia- GO.

Segmento:

Ensino Infantil, com 02 turmas (Jardim I com 18 alunos e Jardim II com 27 alunos), Fundamental com 6 turmas (1º ano com 14 alunos, 2º ano com 25 alunos, 3º ano com 8 alunos, 4º ano com 27 alunos, 5º ano A com 18 alunos e 5º ano B com 15 alunos).

Descrição dos espaços físicos;

É uma escola muito bem planejada, construída pela Corumbá Concessões S.A. Possui 06

salas de aulas, banheiros feminino e masculino adaptados para acessibilidade, biblioteca, sala para laboratório de informática (ainda não funciona), cozinha bem espaçosa, despensa, secretaria, diretoria, sala de professores e coordenação, depósito para material pedagógico, depósito de limpeza, banheiro para os funcionários, refeitório e uma quadra poliesportiva maravilhosa.

Quantidade de equipamentos/computadores por aluno:

Temos 13 computadores no total, mas só 7 estão funcionando.

Professores

- ☐ ☐ Gilda Farias da Silva Lacerda – Coordenadora Pedagógica
- ☐ ☐ Glória Aparecida Ferreira de Araújo – Apoio Pedagógico
- ☐ ☐ Graziella Teixeira Silva - Professora Jardim I e 4º ano
- ☐ ☐ Valdirene Lourenço de Souza da Conceição - Professora Jardim II e 1º ano
- ☐ ☐ Ilane Francisco de Oliveira - Professora 2º ano
- ☐ ☐ Cristiana Sousa Ferreira Rutke - Professora 3º ano
- ☐ ☐ Diná Coelho de Araújo - - Professora 5º ano A e B

Questionário:

a) Participou de curso de informática?

Não

b) A escola participa de algum programa de inclusão digital?

Temos o Proinfo, mas nunca funcionou.

c) Como integra as tecnologias digitais com o currículo escolar?

A escola tem laboratório, mas o funcionamento é precário devido à falta de suporte técnico.

d) O que entende por letramento digital?

É o uso da tecnologia para incrementar a alfabetização.

e) Sugere algum projeto de letramento digital?

Se houvesse o suporte técnico para o amplo funcionamento do laboratório, boa parte das aulas poderiam ocorrer nesse espaço, despertando os alunos para o letramento.

f) Vislumbra algum projeto de inovação?

No momento, não.

☐ ☐ Sobre discentes (faixa etária e série, pode escolher só uma turma)

a) Tem aula utilizando computador?

Não.

b) Sabem fazer pesquisa escolar na internet?

Alunos de 5º Ano sabem, mas só podem fazer em casa.

c) Quais atividades escolares utiliza recursos digitais?

Na escola, nenhuma.

A entrevista realizada na Escola Classe 04 de Sobradinho integrante da rede pública do Distrito Federal, constou das seguintes questões:



Figura 17 – atividade em grupo Escola Classe 04 de Sobradinho



Figura 18 – atividade em grupo Escola Classe 04 de Sobradinho



Figura 19 – atividade em grupo Escola Classe 04 de Sobradinho

Aos docentes

Professora Viviane Godoi Campos - professora de Atividades, 40h.

No momento atuando no Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem, como Pedagoga na Escola Classe 04 de Sobradinho.

a) Participou de curso de informática?

Não, nenhum vinculado à SEDF. Não senti necessidade, pois já me sinto familiarizada com a linguagem digital. Porém, devo salientar que a SEDF oferece suporte: existe um Núcleo de Tecnologia vinculado à Coordenação Regional de Ensino, onde podemos ter acesso a cursos e oficinas relacionadas ao tema.

b) A escola participa de algum programa de inclusão digital?

Sim. A escola possui um laboratório de informática com um professor que monitora o acesso dos alunos aos computadores. Semanalmente cada turma tem o horário reservado para uso do laboratório. Há um planejamento feito em conjunto com os professores regentes para a realização das atividades.

c) Como integra as tecnologias digitais com o currículo escolar?

Como afirmei na resposta anterior, há um laboratório de informática na escola e todos os alunos têm acesso ao uso dos computadores, dentro da grade horária semanal. As professoras de cada segmento planejam junto com o professor da sala de informática as atividades da aula de informática de acordo com os objetivos e as habilidades que estão sendo desenvolvidas com as crianças em sala. Geralmente são feitas pesquisas, produções (e

edição) de textos, navegação em sites de jogos nas diversas áreas de conhecimento, etc.

d) O que entende por letramento digital?

Compreendo como a familiarização com as tecnologias digitais, o conhecimento sobre o que são e sobre como fazer uso delas.

e) Sugere algum projeto de letramento digital?

No momento não.

f) Vislumbra algum projeto de inovação?

Não; nas séries iniciais ainda não sinto que seja uma preocupação da escola. Infelizmente, nos primeiros anos do Ensino Fundamental existem pouca (ou quase nenhuma) iniciativa no gênero, ainda trabalhamos com os recursos do século passado com as crianças do nosso tempo.

Discussão e Interpretação de Resultados

Após a pesquisa, concluí que as escolas onde realizei as pesquisas encontram-se em defasagem com relação à infraestrutura e a utilização de ferramentas tecnológicas já utilizadas e difundidas em várias partes do mundo e, conseqüentemente, quanto à utilização de metodologias ativas com uso de ferramentas digitais, ou qualquer outra abordagem inovadora, pois alegam não receber suporte ou aporte de recursos destinados à manutenção e à obtenção de equipamentos, bem como incentivos à formação continuada voltada a essa área.

Os programas governamentais não estão sendo utilizados nas escolas onde pesquisei, tampouco as profissionais que entrevistei tinham conhecimento acerca do tema aqui apresentado. Claramente, não recebem treinamento ou participam de ações que visem o estímulo ao aprendizado e desenvolvimento de novas metodologias. Ainda utilizam os métodos tradicionais por meio dos quais o professor é o “detentor do saber”, centro do processo, o aluno é ente passivo sem direito a questionar, criticar, sugerir ou sem estímulo à participação empolgada ou efetiva em sala de aula. Conseqüentemente, o processo de aprendizagem não é eficaz ou fluido.

Considerações finais

Partindo do princípio que letramento é o ato de executar práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita com base nos respectivos contextos sociais dos indivíduos, e que a alfabetização é o processo mais restrito, que privilegia a aquisição de códigos, o letramento digital instiga a prática educacional a inovar e se modernizar, integrando, abrindo horizontes, criando novas técnicas didáticas, utilizando novas abordagens mais integradoras e dinâmicas.

As políticas públicas que vem sendo desenvolvidas precisam ser efetivamente implementadas para que tenhamos um real avanço e superação dos déficits educacionais em nosso país nos dias de hoje. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular, que vem sendo divulgada, discutida e adaptada às realidades locais, destaca em suas “Competências Gerais” quesitos como a valorização da história e da cultura como forma de explicação da realidade, o estímulo ao exercício da curiosidade intelectual e, a compreensão, a utilização e a criação de tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva e ética, dentre outros. Seguindo a linha, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 ressalta como uma das metas “fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades (...)”, como sub-meta “incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais” e “incentivar práticas pedagógicas inovadoras”. Articulada a esses grandes planos educacionais, está a Política de Inovação Educação Conectada, que ressalta o potencial da tecnologia em favor da educação atuando-se em quatro dimensões: visão, competências de gestores e professores, acesso e qualidade de recursos educacionais digitais e infraestrutura.

As abordagens inovadoras exemplificadas no presente trabalho lançam, em súmula, o desafio à superação das defasagens, da evasão escolar, da insatisfação do profissional de educação, do aumento do nível do ensino ofertado, entre outros quesitos. Trazem, ainda, a esperança de que é possível um efetivo projeto educacional de qualidade, que abranja todas as áreas do conhecimento utilizando-se do estímulo à curiosidade e interesse por conhecer, na prática, como compreender o mundo e sua evolução e, a partir do pensamento crítico, promover a formação do cidadão holístico, ético e consciente. Porém, tudo isso só será possível se houver interesse de todos os envolvidos em estabelecer tais políticas como prioridade.

Com base em tudo o que pesquisamos até agora, julgamos que a necessidade de mudança dos modelos de letramento é gritante, pois mesmo que, às vezes, disponha de recursos tecnológicos, a escola não possibilita uma mudança em seu contexto para que os alunos sejam capazes de lidar com a interação entre conteúdos ofertados e realidade vivida, devido à, dentre outros fatores, falta de preparo dos docentes e a ausência de conhecimento dessas metodologias inovadoras, consequência da escassez de programas de formação continuada e implantação de novas práticas,

como percebemos na pesquisa de campos nas duas escolas, DF e GO.

A partir da apropriação de técnicas de uso de ferramentas digitais educacionais e abordagens inovadoras, torna-se possível a implementação de novas práticas pedagógicas, facilitando a pesquisa, conseqüentemente a compreensão acerca dos conteúdos, despertar o interesse e a interação dos alunos para que desenvolvam seu raciocínio com capacidade crítica, com a consciência do todo e noção de seu lugar no mundo. Tudo isso para que possamos sair de um modelo ultrapassado e estático de ensino, onde a falta de atrativos e a concorrência com a velocidade e a intensidade das informações que circulam na rede mundial não permitem a superação das defasagens, provocando desistências, abandonos, enfim a evasão escolar.

“As mudanças no mundo caracterizam-se por novos níveis de complexidade e, diante desse fato, é papel da educação preparar indivíduos e comunidades para as tensões geradas por tais mudanças, tornando-os capazes de se adaptar e de responder a elas”¹⁹.

¹⁹ Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?. – Brasília : UNESCO Brasil, 2016. 91 p., il..

PARTE III

PERSPECTIVAS

Traçar um plano para a futura incursão da minha carreira, a partir de contínua pesquisa sobre novas abordagens didático pedagógicas que possam, de verdade, implementar uma profunda interação entre docente e discentes, entre comunidade e escola, e que essa relação culmine em um resultado realmente efetivo em prol da formação de um cidadão capaz de se auto afirmar, de interagir proativamente em sociedade.

Mediante as transformações sofridas nos últimos anos por conta da implementação tecnológica pela qual o mundo inteiro vem passando, é imprescindível a constante mudança de conceitos, práticas e paradigmas que, principalmente, a comunidade escolar deve estar atenta.

Onde devemos buscar solução para essa disparidade? Primeiramente, numa ampla discussão para revisão dos conceitos e paradigmas que balizam as práticas pedagógicas. Incluindo-se revisão pedagógica-metodológica, formação continuada dos docentes, estudo das tecnologias digitais, investimentos em recursos tecnológicos e equipamentos.

É necessário interesse em garantir que todos os estados e municípios possam implementar uma educação inovadora e eficaz, pela qual alunos e professores possam interagir, construir conceitos, descobrir novas percepções, criar métodos adequados às respectivas realidades, despertar o interesse de alunos, reacender o desejo dos docentes em se manterem na profissão, consolidar o respeito à instituição, ao professor. Enfim, promover uma sociedade que tome ciência de sua história, que possa desenvolver suas capacidades baseadas na sua realidade, no seu ambiente, procurando superar desigualdades e dificuldades.

Mudança de paradigma, transformação cultural e não apenas digital são as metas que considero ideais para uma evolução na educação e, conseqüentemente, no mundo.

REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011

BRASIL. Ministério da Educação. Programa de Inovação Educação Conectada. Disponível no sítio: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77461-conceito-do-programa-de-inovacao-educacao-conectada-pdf&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 de novembro de 2017

BRASIL. Ministério da Educação, Base Nacional Comum Curricular. Disponível no sítio: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 3 de abril de 2018

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010

FIRMINO, Simone; MORAES, Fernando (2011). A pesquisa no estágio, o projeto de intervenção pedagógica e a escola: interfaces necessárias. Disponível em: https://lesec.icb.ufg.br/up/263/o/Trabalho%20Edipe_Simone%20Gomes.pdf?1328748659. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

.....Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: p. 22, Paz e Terra Editora, 1996.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. A produção de ignorância na escola: uma análise crítica do ensino da língua escrita na sala de aula – 2ed. – São Paulo: Cortez, 1991 – (Coleção biblioteca da educação. Série 1. Escola)

KLEIMAN, Angela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita / Angela Kleiman (org). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LUCK, Heloísa. A gestão participativa na escola. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

-----, Concepções e processos democráticos de gestão educacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a.

_____. Dimensões da gestão escolar e suas competências. Curitiba: Editora Positivo, 2009b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROGERS, Carl .R. Liberdade para aprender; tradução de Edgar Godoi da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade, prefácio do Prof. Ruy Miranda. 4 ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1978

ROJO, Roxane. Helena R. Falando ao pé da letra: a constituição da narrativa e do letramento / Roxane Rojo – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. Alfabetização e letramento: conceitos e relações / organizado por. 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. Orientações e dicas para trabalhos acadêmicos. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. (Org.). Teorias e Práticas de letramento – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

UNESCO, Brasil. Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?. – Brasília : UNESCO Brasil, 2016. 91 p., il..